

yara pına



www.yarapina.com

YARA PINA é artista visual e bibliotecária. É graduada em Biblioteconomia e Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás. Possui interesse em investigar diferentes contextos sociais e históricos, explorando os rastros da memória da violência e suas inscrições sobre os corpos violados e ausentes. Em suas ações, transita entre a presença e a ausência, deixando no espaço físico apenas vestígios da passagem de seu corpo em confronto com outros "corpos". Atualmente, vive e trabalha em Goiânia.

| Exposições / residências selecionadas | : Pivô Pesquisa 2020, Ciclo III Beck's, Pivô (São Paulo, 2020), Mother, I see my self in your eyes (Laundromat Art Space, 2019 / Concrete Art Space, Flórida, 2019, USA); Frestas Trienal de Artes, Entre pós-verdades e acontecimentos (SESC Sorocaba, SP, 2017); Performatus 2, O que está a luz de nosso tempo discernimos no escuro (SESC Santos, 2017); Das Virgens em Cardumes e da Cor das Auras (Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, Rio de Janeiro, 2016); Bienal Internacional Desde Aquí (Bucaramanga, COL, 2014); Open Sessions (Drawing Center, Nova York, 2014-2015); Act + Object + Exchange (Drawing Center, New York, 2014); Name it by trying to name it (Drawing Center, New York, 2015); A Bela Morte: confrontos com a natureza morta no século XXI (Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS); Arte Pará 2012 (Museu Histórico do Estado do Pará, Belém, 2012). | Prêmios | : Salão de Abril de Fortaleza (Fortaleza, 2012, BR); FID Prize 2017 (Foire Internationale du Dessin, Paris, FR, 2016) | Acervos públicos | : Museu de Arte do Rio Grande do Sul, (Porto Alegre, RS); Centro Cultural da Universidade Federal de Goiás (Goiânia, GO); Museu de Artes Plásticas de Anápolis (Anápolis, GO)

Yara Pina
+55 (62) 98432-6766
yarapina@gmail.com

www.yarapina.com

| páginas seguintes |

Yara Pina

Corpos à flor da terra, 2021

cabos de madeira cravados na terra contendo
marcas que remetem às profundidades das
covas onde foram encontrados corpos de
pessoas desaparecidas no Brasil,
instalação, 155 x 230 cm

Em *Corpos à flor da terra* reflito sobre desumanização *post mortem* que atinge as vítimas de vários cenários de violência envolvendo não apenas a ausência de sepultura e ritos funerários, mas também o desaparecimento de seus corpos como forma de apagar a autoria e os rastros das barbáries de suas mortes. Neste último caso, para que não sejam localizados, para que não reste qualquer traço humano, os corpos, quando não destruídos devem ser descartados nas covas rasas, desovados em cemitérios clandestinos, ou ainda deixados em terrenos baldios, matagais ou zonas de difícil acesso. Podemos chamar de corpos à flor da terra, os cativos dos navios negreiros enterrados a um palmo da terra no cemitério do Valongo, os indigentes dos cemitérios públicos, as vítimas da repressão da Ditadura Militar, dos esquadrões da morte, dos grupos de extermínios, do tribunal do narcotráfico, das milícias, das operações policiais, assim como, as vítimas do feminicídio, da transfobia e da homofobia. A instalação é composta por cabos de pá de madeira cravados na terra contendo marcas que remetem às profundidades das covas onde foram encontrados corpos de pessoas desaparecidas no Brasil.





Corpos à flor da terra, imagens individuais dos cabos de madeira com marcas que remetem às profundidades das covas onde foram encontrados corpos de vítimas de facção do tráfico de drogas (2018), de feminicídio (2019) e de grupo de extermínio (1969). Da esquerda para direita (40 cm, 15 cm, 50 cm)

| páginas seguintes |

Yara Pina

Corpos sem nomes, 2021

sombra agredida com cinzel, terra vermelha e cal
vestígios de ação

Corpos sem nome é sobre os corpos abandonados, ocultados clandestinamente à flor da terra e que foram destituídos do direito de serem lembrados e chamados pelo nome. Sem vínculo com seus nomes, perderam o direito de inscrevê-los na memória social. Diante da impossibilidade de terem seus nomes gravados em uma pedra tumular, já que não foram identificados pelo Estado e nem reconhecidos por suas famílias, proponho com um cinzel produzir inscrições como ato de rememorar esses corpos que vêm sofrendo constantes apagamentos e cujas existências e memórias lhes são dia após dia negadas.





| páginas seguintes |

Yara Pina

Nomes sem corpos, 2021

sombra agredida com pá e coberta com as cinzas dos nomes de pessoas desaparecidas no Brasil,
vestígios de ação

A ação **Nomes sem corpos** aborda os processos de desaparecimento, destruição e ocultação de corpos, como estratégia de guerra, repressão, extermínio, punição e poder territorial. Tais práticas que foram utilizadas como método de repressão pela Ditadura Militar continuam sendo, hoje, perpetradas por policiais, milicianos, grupos de extermínios e narcotraficantes. Vítimas que desaparecem sem deixar rastros após serem sequestradas, torturadas e executadas, como forma de apagar os traços de suas identidades, histórias e das causas de suas mortes. Durante a ação agrido minha sombra com uma pá, focando principalmente, no rosto, para deixar marcas que serão cobertas, posteriormente, com as cinzas dos nomes de pessoas desaparecidas no Brasil.





Nomes sem corpos, produção de cinzas através da incineração dos nomes das vítimas de desaparecimento

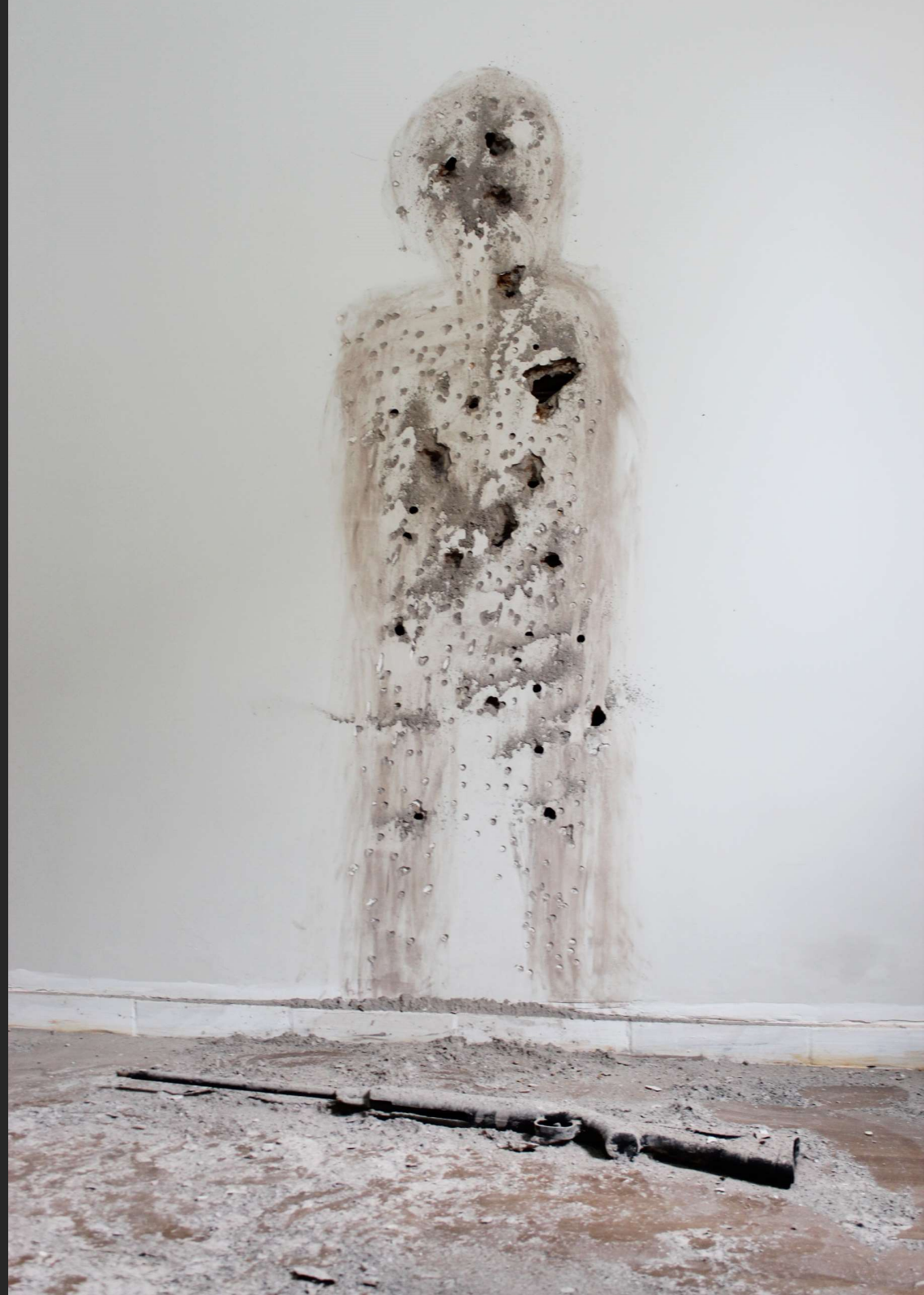
| páginas seguintes |

Yara Pina

Zona de esfumaçamento, 2021

sombra agredida com golpes de carabina, cinzas de
imagens de vítimas de execuções sumárias no Brasil,
vestígios de ação

Em **Zona de esfumaçamento**, exploro os campos de violência que envolvem a participação legal e ilegal do Estado brasileiro na execução sumária de corpos como política de extermínio. Um *modus operandi* estruturado há décadas como política de segurança pela Ditadura Militar que contava com a presença de policiais nos esquadrões da morte para reprimir e eliminar o inimigo interno. Hoje, esses homicídios continuam ocorrendo pelas mãos desses mesmos agentes de segurança durante as operações policiais ou em suas atuações criminosas nas milícias, nos grupos de extermínio e no narcotráfico. Motivados muitas vezes não apenas pela impunidade e pelo amparo legal dos "autos de resistência seguidos morte", mas também pela lógica lucrativa do crime. Durante a ação, agrido minha sombra projetada na parede com o cano de uma carabina focando, principalmente, nas regiões letais de um corpo humano. Num segundo momento, utilizo as cinzas das imagens de vítimas de execuções sumárias, publicadas pela imprensa, para formar uma silhueta e, também, para destacar as marcas das agressões que ficaram na minha sombra. Como gesto final, encubro com as cinzas a carabina sobre o chão.





| páginas seguintes |

Yara Pina

Corpos abatidos, 2021

destroços recolhidos de locais onde ocorreram mortes
por operações policiais em Goiânia,
instalação, 250 cm Ø



Zona de esfumaçamento, produção de cinzas através da incineração de imagens das vítimas de execuções sumárias que foram publicadas pela imprensa

Corpos abatidos reflete sobre o modelo de política de segurança adotado desde a Ditadura Militar que ainda, hoje, alimenta a espiral da violência contra indivíduos acometidos com o abatimento de seus corpos durante operações policiais no Brasil. São ações registradas como “confrontos”, legalmente amparadas pelos “autos de resistência seguidos de morte”, mas que na realidade refletem o alto índice de letalidade à serviço de uma pseudo guerra no combate ao crime e às drogas. Os destroços que compõem a instalação foram recolhidos da fachada das residências das vítimas e, também, de ruas e calçadas de setores periféricos onde ocorreram as mortes.



| páginas seguintes |

Yara Pina

Corpos incorruptos, 2020,
facões, gotas de vela, fuligem e penas,
objetos,
dimensões e formatos variados

Corpos incorruptos é sobre os processos de luto que permeiam os corpos das vítimas de massacres em presídios. Detentos que tiveram seus corpos esquartejados, decapitados e carbonizados por integrantes de facções que por meio de suas armas espetacularizavam, entre as fumaças pretas das chamas de incêndio, cenas de barbárie transmitidas ao vivo pelos aparelhos celulares. Os corpos das vítimas quando não identificados pelo Estado são entregues às famílias faltando pedaços – sem órgãos, cabeças, membros - ou em estágio avançado de decomposição. Muitas delas não tiveram direito a velórios, sendo exumadas de forma improvisada ou até mesmo enterradas em valas comuns ou como indigentes.



| páginas seguintes |

Yara Pina

Corpos ultrajados, 2021,
sacos de plásticos pretos dobrados como a bandeira
nacional em honras fúnebres prestadas às
autoridades do Estado brasileiro
instalação, 8 m x 0,30 m

Corpos ultrajados tem como foco vítimas de violência do Estado que ainda não tiveram direito ao luto, à sepultura e à memória. Corpos cujos restos mortais estão abandonados em situação precária, desumana, sem qualquer identificação do Estado e o reconhecimento de suas famílias.

Partindo do não direito das famílias de enlutar e sepultar seus mortos que foram vítimas de violência e descaso do Estado, a instalação parte de um ritual presente em honras fúnebres prestadas às autoridades públicas, a dobra da bandeira nacional que é entregue às famílias antes do sepultamento, para salientar os ultrajes que abarcam corpos de indivíduos que foram descartados, abandonados, nas covas rasas dos cemitérios públicos, nos ossários, nas valas comuns e cemitérios clandestinos.



| páginas seguintes |

Yara Pina

Corpos-território, 2021,
sombra agredida com carabinas
em revezamento e coberta com terra vermelha,
vestígios de ação

Partindo de diferentes campos de violência envolvendo conflitos por terra ou em territórios dominados pela milícia e pelo narcotráfico, proponho em *Corpos-território* refletir sobre o estupro coletivo de mulheres como estratégia recorrente, terrorista e genocida que tem como objetivo silenciar suas vozes ao mesmo tempo em que territorializa seus corpos. Durante a ação violo minha sombra, projetada na parede, utilizando carabinas em revezamento. A terra vermelha é, então, aplicada para formar a silhueta sobre as marcas e, também, para silenciar de forma simbólica as armas, no momento em que derramo o pó sobre elas.





| páginas seguintes |

Yara Pina

Corpos sulcados, 2019,
sombra e terra sulcadas com relha de arado,
vestígios de ação

Partindo da relação entre o corpo da mulher e a terra como um meio de dominação e manifestação recorrente das violências de origens patriarcal e colonial, proponho nesta ação remeter a um instrumento agrícola de origem muito antiga e tradicionalmente submetido ao monopólio do sujeito masculino – o arado – para simbolizar não apenas o controle e exploração do homem sobre a terra e aos meios de produção, mas também sobre os corpos das mulheres. E a partir disso, também, refletir de que forma violações sofridas, no Brasil colonial, por diferentes grupos de mulheres estruturam sistematicamente opressões que perpetuam até hoje como forma de deixá-las cada vez mais vulneráveis à violência sexual, ao feminicídio e à exploração de seus corpos.

Num primeiro momento, a relha de um arado foi utilizada como uma arma para agredir minha sombra, deixando fissuras que foram, em seguida, preenchidas com a terra vermelha. Já sobre o chão, utilizei o instrumento para reproduzir os sulcos de uma terra penetrada pelo arado.



| páginas seguintes |

Yara Pina

Tosquiadas, 2018,
facas oxidadas com urina masculina,
cabelo feminino,
dimensões e formatos variáveis

A obra *Tosquiadas* tem como pano de fundo diferentes contextos sociais e históricos que testemunharam a tortura contra mulheres que tiveram seus cabelos cortados e/ou raspados em atos de punição e humilhação. São relatos históricos dessa prática, por exemplo, a Inquisição, a Segunda Guerra, a Escravatura e a Ditadura Militar. Nesse sentido, mas com um foco mais atual, esta série propõe refletir sobre a recorrência desse tipo de violência nos estados brasileiros com base nos fatos noticiados pela imprensa nos últimos anos. No momento, têm sido explorados dois contextos: o ambiente doméstico, em que homens praticam esse ato para humilhar e punir sua companheira, tomando seu corpo como uma propriedade, objeto de posse; e o narcotráfico, quando membros de facções cortam e raspam cabelos de mulheres como forma de afirmar domínio territorial e aplicar as penas do “tribunal do crime”, caso elas tenham desobedecido ao “código de ética”.





| páginas seguintes |

Yara Pina

A bela morte, 2019,

clarim silenciado com cinzas dos nomes de
vítimas de operações policiais
e do exército no Brasil,
vestígios de ação



A bela morte, transformação em cinzas dos nomes de vítimas de operações policiais e do exército no Brasil

A bela morte, chamada pelos antigos gregos de *kalòs thánatos*, envolvia honras e ritos fúnebres que homenageavam os heróis guerreiros com o intuito de glorificá-los e imortalizar a inscrição de seus nomes na memória social da pólis. Nesse sentido, a morte gloriosa, sua memória viva eternizada pelo canto poético do Aedo, era o oposto do esquecimento. Nesta obra, proponho a bela morte como um confronto entre *silêncios*: o silêncio como esquecimento dos nomes daqueles que morrem pelas mãos do Estado, e o silêncio como homenagem à memória dos nomes daqueles que morrem a serviço do Estado. A ação consiste em deixar vestígios no espaço expositivo após o ato de silenciar um clarim - instrumento de sopro utilizado para executar o toque de silêncio durante as honras fúnebres prestadas aos militares - soprando as cinzas dos nomes das vítimas de operações policiais e do exército para o interior do instrumento.





| páginas seguintes |

Yara Pina

Gesto antígona, 2019,
sombra agredida com rastelo, terra vermelha
cinzas de *Antígona de Sófocles*
(e de versões escritas no séc. XX),
vestígios de ação

Tendo como referência a violação das leis dos homens por Antígona, através de seu gesto político em nome de uma lei mais antiga e divina, esta ação tem como proposta rememorar seu mito através das cinzas da obra incinerada de Sófocles e de algumas versões da tragédia que foram realizadas e adaptadas por dramaturgos ao longo do século XX. Apesar das peculiaridades de seus períodos, assim como de seus contextos sociais, essas reescrituras foram produzidas durante a vigência ou ainda sobre o reflexo do fascismo, de conflitos armados e de ditaduras que deixaram, além de rastros de violência e destruição, milhares de mortos e desaparecidos. *Antigone* de Jean Anouilh (França, 1944), *Die Antigone des Sophokles* de Bertolt Brecht (Suíça, 1948), *Antígona furiosa* de Griselda Gambaro (Argentina, 1986) e *Antígona*, de José Watanabe e Yuyachkani (Peru, 1999) são algumas dessas versões que denunciaram o extermínio de vidas pelo Estado e a importância do direito de sepultar dignamente os mortos.

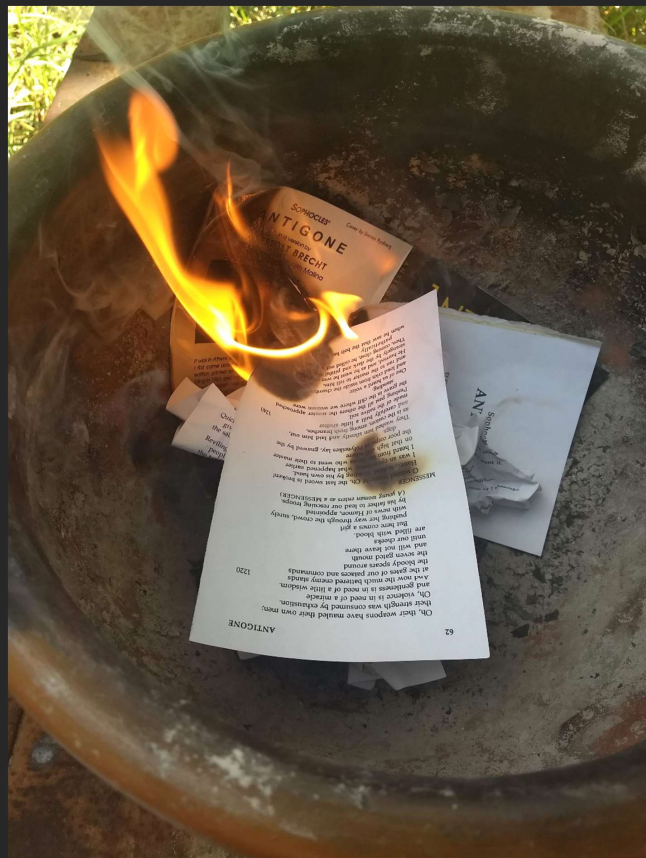
Após agredir minha sombra com um rastelo preencho as fissuras com cinzas até formar uma silhueta do meu corpo. A terra vermelha é então utilizada simbolicamente para deixar o rastro dos gestos de sepultamento das “Antígonas”, no momento em que as personagens utilizam suas mãos para cobrir o corpo dos mortos com a terra.





Yara Pina

Sacrifício de aliança, 2019, facção amolado sobre entulhos do Tribunal de Justiça de Goiás instalação, 200 cm Ø



Processo de incineração dos livros
Antígona, Sófocles; Bertolt Brecht - *Antígona des Sophokles* (1948); Jean Anouilh - *Antigone* (1946); Griselda Gambaro - *Antígona Furiosa* (1986); José Watanabe - *Antígona* (1999)

A obra tem como referência a rebelião na Colônia Agroindustrial de Aparecida de Goiânia, em janeiro de 2018, protagonizada por integrantes das duas maiores facções de tráfico de drogas do país. Após a barbárie que deixou feridos e mortos com corpos decapitados, esquartejados e carbonizados, a situação da unidade ganhou repercussão nacional atraindo, dessa forma, maior atenção do Tribunal de Justiça de Goiás que realizou inspeções no local e do Superior Tribunal de Justiça que cobrou respostas das autoridades do estado.

Sacrifício de aliança reflete, portanto, sobre o fortalecimento das facções como resultado da política de superencarceramento e a consequente omissão do Estado frente à precariedade e vulnerabilidade do sistema prisional. A atuação desses grupos também tem ganhado força com a ampliação de seu domínio territorial para outros estados, colocando dessa forma não só o comércio de drogas, mas também os presídios regionais sob seus controles. No caso de Goiás, o estado de fazer parte da rota internacional do narcotráfico, é considerado pelas facções como uma área estratégica para o escoamento das drogas e, também, por sua proximidade de Brasília.

A instalação parte de uma ação em que reproduz um ato praticado por detentos quando se preparam para confrontos e rebeliões - o gesto de amolar armas. O evento se desenvolveu no interior de um círculo construído com pedaços de entulhos que foram coletados durante a reforma do espaço físico do TJGO, iniciada em janeiro de 2018, mesmo mês do motim na unidade prisional. É dentro desse cenário que simboliza um rito sacrificial que ocorre o gesto de amolar um facção sobre a superfície de alguns destroços.



| páginas seguintes |

Yara Pina

Armas comunais (2019)

objetos fabricados com cabos de ferramentas rurais e
relhas de arado,
dimensões variáveis

Armas comunais são objetos fabricados com cabos de ferramentas rurais e relhas de arado que remetem às resistências de grupos de populações que desde o período colonial vêm sendo espoliadas de suas terras lutando pelo direito de cultivá-la.



Reforma do Tribunal de Justiça de Goiás, 2018



| páginas seguintes |

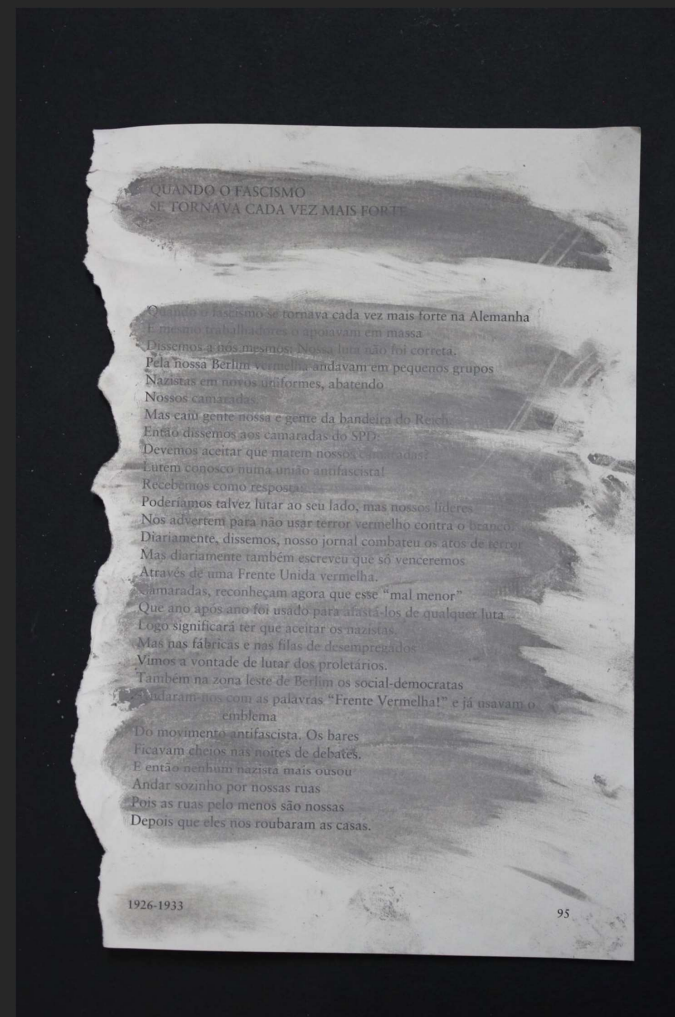
Yara Pina

Criptografismos, 2018,

intervenções sobre poemas de Bertolt Brecht com cinzas dos nomes de ativistas e políticos assassinados no Brasil, *instalação*, 200 x 300 cm, 23 cm x 16 cm (cada folha)

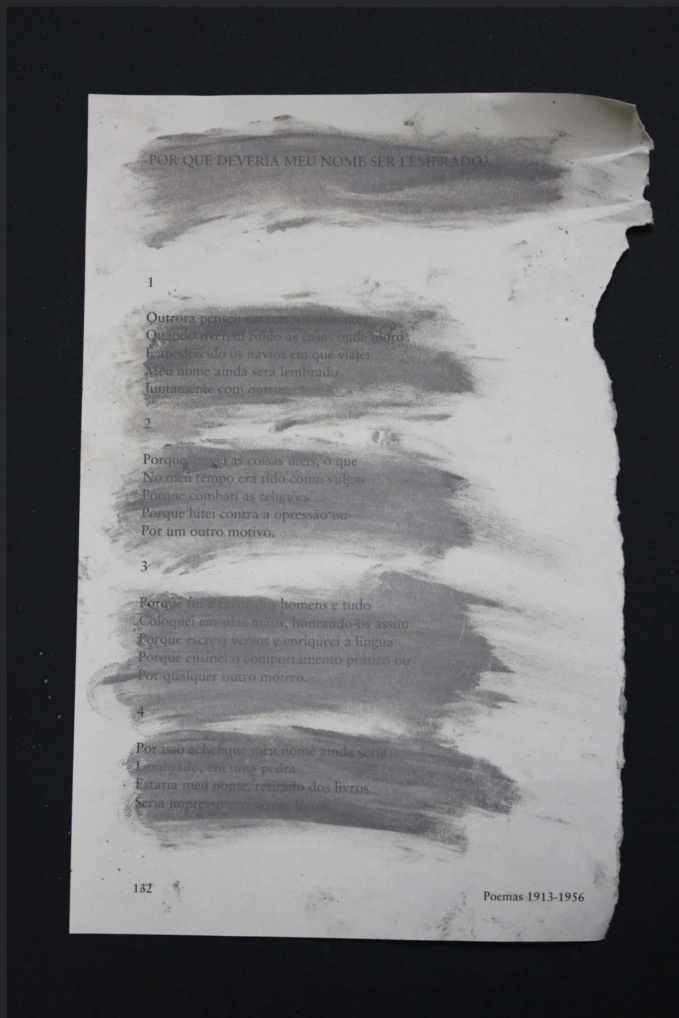
Bertolt Brecht empregou a expressão *Verwisch die Spuren* - apague os rastros - em um de seus poemas como meio de resistência para se referir ao indivíduo em situação de ilegalidade e clandestinidade durante o recrudescimento do fascismo na Alemanha. Partindo do cenário atual e incerto da democracia brasileira, a obra *Criptografismos* utiliza alguns de seus escritos como pano de fundo para tratar do esquecimento das mortes de políticos e ativistas assassinados no Brasil. Com meu dedo polegar direito impregnado com cinzas dos nomes das vítimas cubro as frases dos poemas de Brecht ao mesmo tempo em que deixo rastros de minha ação.

Poemas: *Poemas de um manual para habitantes da cidade*; *A cronos*; *Acredite apenas*; *O abrigo noturno*; *Soube que vocês nada querem aprender*; *Quando o fascismo se tomava cada vez mais forte*; *Por muito tempo procurei a verdade*; *Quando me fizeram deixar o país*; *Nossos inimigos dizem*; *Epitáfio 1919*; *Canção do pintor Hitler*; *Alemanha*; *A emigração dos poetas*; *No segundo ano de minha fuga*; *Por que deveria meu nome ser lembrado?*; *Em tempos negros*; *Sobre a violência*; *Elogio do esquecimento*; *Visita aos poetas banidos*; *A inscrição invencível*; *Aos que hesitam*; *Conselho aos artistas plásticos sobre os destinos de suas obras nas próximas guerras*; *Epitáfio para Gorki*; *Os medos do regime*; *O povo é infalível*; *Sobre a atitude crítica*; *Verão de 1942*; *Cantar de mãe alemã*; *Na manhã do novo dia*; *E. P. Escolha de uma pedra tumular*.



Criptografismos, intervenção sobre o poema “Quando o fascismo se tornava cada vez mais forte” de Bertolt Brecht com cinzas dos nomes de políticos e ativistas assassinados no Brasil





Criptografismos, intervenção sobre o poema "Por que deveria meu nome ser lembrado" de Bertolt Brecht com cinzas dos nomes de políticos e ativistas assassinados no Brasil



Criptografismos, incineração dos nomes de políticos e ativistas assassinados no Brasil

Yara Pina

Instrução de ordem #2, 2018

sombra agredida com cassetetes carbonizados
vestígios de ação

O título das obras é uma referência aos exercícios de disciplina militar realizados durante as atividades de Ordem Unida no Brasil. As ações, porém, apresentam um modus operandi remanescente dos regimes autoritários – Estado Novo, Ditadura Militar - e ainda presente na atuação violenta da polícia civil e militar brasileira. Cacetadas, coronhadas, golpes com canos de fuzil, carabina e espingarda, juntamente com outros tipos de agressões, fazem parte da cultura da tortura praticada desde o período colonial. Nestas ações, utilizo cassetetes, o cano e a coronha da espingarda para proferir golpes contra minha sombra para deixar marcas.



Yara Pina

Instrução de ordem #1, 2018

sombra agredida com cano e coronha
de carabina carbonizada
vestígios de ação

O título das obras é uma referência aos exercícios de disciplina militar realizados durante as atividades de Ordem Unida no Brasil. As ações, porém, apresentam um *modus operandi* remanescente dos regimes autoritários – Estado Novo, Ditadura Militar - e ainda presente na atuação violenta da polícia civil e militar brasileira. Cacetadas, coronhadas, golpes com canos de fuzil, carabina e espingarda, juntamente com outros tipos de agressões, fazem parte da cultura da tortura praticada desde o período colonial. Nestas ações, utilizo cassetetes, o cano e a coronha da espingarda para proferir golpes contra minha sombra para deixar marcas.





Instrução de ordem #1, carbonização de carabina



Instrução de ordem #2, carbonização de cassetetes

| páginas seguintes |

Yara Pina

Marcas da infâmia #1, 2017

sombra agredida com golpes de espeto, cinzas de
imagens de vítimas de feminicídio
vestígios de ação

As ações têm como referência casos de feminicídio íntimo, em ambientes doméstico e familiar no Brasil, envolvendo o uso de instrumentos perfurantes, cortantes e contundentes utilizados pelos autores do crime para mutilar e desfigurar os corpos das vítimas. Com base nesses relatos, tenho desenvolvido uma série de silhuetas – em andamento - em que agrido minha sombra, violando principalmente partes do corpo relacionadas à feminilidade e sexualidade das mulheres. Ao preencher as marcas das violações com cinzas das imagens das vítimas – veiculadas pela imprensa - pretendo deixar em evidência as principais partes visadas pelos agressores.





| páginas seguintes |

Yara Pina

Marcas da infâmia #3, 2019

sombra agredida com golpes de chave de fenda,
cinzas de imagens de vítimas de feminicídio
vestígios de ação

As ações têm como referência casos de feminicídio íntimo, em ambientes doméstico e familiar no Brasil, envolvendo o uso de instrumentos perfurantes, cortantes e contundentes utilizados pelos autores do crime para mutilar e desfigurar os corpos das vítimas. Com base nesses relatos, tenho desenvolvido uma série de silhuetas – em andamento - em que agrido minha sombra, violando principalmente partes do corpo relacionadas à feminilidade e sexualidade das mulheres. Ao preencher as marcas das violações com cinzas das imagens das vítimas – veiculadas pela imprensa - pretendo deixar em evidência as principais partes visadas pelos agressores.





| páginas seguintes |

Yara Pina,

Vestígios post mortem, 2018,
objeto litúrgico contendo cigarros de maconha
fumados com cinzas dos nomes de detentos
assassinados em rebeliões,
vestígios de ação



Marcas da infâmia #3, incineração das imagens de vítimas de feminicídio divulgadas pela imprensa brasileira

A ação consiste em realizar um rito funerário com as cinzas dos nomes de detentos assassinados em rebeliões durante os conflitos entre facções do narcotráfico nos presídios brasileiros. Devido à barbárie que os levaram à morte no interior dos presídios, carbonização, decapitações, esquartejamentos, os restos mortais de alguns corpos não chegaram sequer a serem identificados pelo Estado, muito menos reconhecidos e sepultados por suas famílias. Para realizar o rito funerário incinero os nomes das vítimas para, posteriormente, fumar suas cinzas misturadas ao cigarro de maconha. Se durante o rito a fumaça espalha os nomes, as cinzas que restam após o ato, se transformam em vestígios do esquecimento.





Vestígios post mortem, incineração dos nomes de detentos assassinados em rebeliões



Vestígios post mortem, Cinzas dos nomes de vítimas de massacres em presídios misturadas à maconha

| páginas seguintes |

Yara Pina

Vilipêndio a Vênus, 2017

sombra agredida com golpes de cutelo, molduras carbonizadas destruídas, terra vermelha vestígios de ação

Este trabalho reflete sobre a apropriação, controle e representação do corpo feminino pelo sujeito masculino do ocidente através da imagem de Vênus em suas diferentes manifestações. Como se sabe, a regulação do corpo feminino através desse ícone histórico e normativo foi utilizada para além do universo da arte pelo olhar masculino, seja através de uma apropriação simbólica, tal como aconteceu com as figuras femininas pré-históricas de diferentes culturas ao serem convencionalmente chamadas de Vênus, ou ainda através da denominação de partes do corpo da mulher, tal como o monte Vênus. O ataque a minha sombra com um cutelo, arma branca, é um deslocamento do gesto político e iconoclasta da sufragista Mary Richardson ao agredir, em 1914, a pintura Rokeby Venus de Velazquez. Diferentemente de seu ato, não se trata aqui de vilipendiar a imagem de um corpo feminino, mas de agredir a minha própria sombra.





| páginas seguintes |

Yara Pina

Sem título 3 (2016)

silhueta em carvão agredida com golpes de
facão e terra vermelha
vestígios de ação

Nesta ação, violo um "corpo" – minha silhueta - que está com braços e pernas abertos, como estivesse suspenso e amarrado por esses membros. Com a terra vermelha preencho as fissuras dos cortes, como referência ao valor simbólico da terra como sangue, corpo e território.



| páginas seguintes |

Yara Pina

Sem título 2, 2016

silhueta em carvão agredida com golpes de facão,
crânio bovino carbonizado, terra vermelha
vestígios de ação

Nesta metamorfose, proponho borrar as fronteiras entre o humano, o animal e a besta ao projetar a sombra de um ser antropozoomórfico, utilizando como "máscara" o crânio de um bovino que fora abatido. Num segundo momento, proponho uma cisão, ao entrar em confronto com essa imagem.



| páginas seguintes |



Sem título 3 (2016), crânio carbonizado utilizado na ação

Yara Pina

Sem título 3 (2017)

cadeiras carbonizadas arremessadas
contra o canto da parede
vestígios de ação





Sem título 3 (2017), carbonização de cadeiras

| páginas seguintes |

Yara Pina

Sem título 1 (2012/2017)

- (1) armas improvisadas feitas com objetos perfurantes e cortantes e tela, *dimensões e formatos variáveis*
- (2) no piso, lanças fabricadas com cacos de espelho, pedaços de molduras e tela, *dimensões e formatos variáveis*





| páginas seguintes |

Yara Pina

Sem título 2, 2011

rasgando uma tela preenchida
com carvão em pó

Registro de ação, *stills* de vídeo

Link: <https://vimeo.com/manage/videos/87567237>



yara pina

:: exposições coletivas / residências

2020

| Pivô Pesquisa, Ciclo III Beck's, residência artística, São Paulo, Pivô
| Conversas – resistências e convergências (MABEU, Belém, PA,)

2019

| 2º Refluxo – Festival Experimental de Arte, Goiânia, Goiás
| Mother, I see myself in your eyes, Laundromat Art Spce, Miami, USA
| 24º. Salão Anapolino de Artes, Galeria Antônio Sibasolly, Anápolis, Goiás
| Mother, I see myself in your eyes, Concrete Space, Florida, USA

2018

| One in a million, Gallery Nosco, Marseille, FR
| Um acervo em construção, Centro Cultural da UFG
| Um acervo em construção, Museu de Artes Plásticas de Anápolis
| Loteamento, Galeria da Faculdade de Artes Visuais da UFG
| Dialeto, Centro Cultural de São Paulo

2017

| Entre pós-verdades e acontecimentos, Frestas Trienal, SESC Sorocaba, SP

| Roçadeira#3, Encontros performáticos em lugares improváveis, Goiânia, GO

| III Bienal do Sertão, Vitória da Conquista, BA

| Performatus #2, SESC Santos, SP

2016

| Das Virgens em Cardumes e da Cor das Auras, Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, Rio de Janeiro, RJ

| Não vivo sem meu corpo, R³ Gabinete de Arte, Goiânia, GO

| Ruminescências, Dada Spring Brasil, Cabaret Voltaire Goiânia, Goiânia, GO

| Diálogos Possíveis, Centro Cultural da UFG, Goiânia GO

| Refluxo, Festival Experimental de Artes, Centro Cultural Cora Coralina, Goiânia, GO

| Sobre o que agora se pode ver, R³ Gabinete de Arte, curadoria Divino Sobral, Goiânia, GO

2015

| Bienal Internacional Desde Aquí, Bucaramanga, Colômbia

| Name it by trying to name it, Drawing Center, New York, Estados Unidos

| Triangulações, Centro Cultural da UFG, Goiânia, Goiás, Brasil

| Draw to perform II, International Symposium about Drawing Performance, Number 3, Londres, Reino Unido

| Action + Object + Exchange, Satellite Contemporary, Las Vegas, Estados Unidos

| Video Art Festival Now&After, Schusev Museum Architecture, Moscow, Rússia

2014

| Repentista #2, Gallery Nosco, Londres, UK
| 20º Salão de Arte Anapolino, Goiânia, Goiás, Brasil
97

| Arte Londrina II, Divisão de Artes Plásticas, Casa de Cultura UEL, Londrina, PR, Brasil
| Action + Object + Exchange, Drawing Center, New York, Estados Unidos.

2013

| A Bela Morte: confrontos com a natureza morta no século XXI, Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil
| Diálogo Desenho, Museu Universitário de Arte, Uberlândia, MG, Brasil

2012

| Drawing 2012 - International Exhibition of Contemporary Drawing, Place Suisse des Arts, Lausanne, Suíça
| 31º Arte Pará, Belém, PA, Brasil
| 6B Mostra de Desenho Contemporâneo, Centro Cultural da Justiça, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
| 63º Salão Abril de Fortaleza, Fortaleza, CE. Prêmio
| Abre Alas 8, A Gentil Carioca, Centro Cultural Hélio Oiticica, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

2011

| FAV.NOVA Inacabada, Galeria de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil
| 10º Salão Nacional de Arte de Jataí, GO, Brasil 98

:: individuais simultâneas

2010

| Exposição "Desenho, Instalação e Performance", Museu de Arte Contemporânea de Goiás, Goiânia, GO, Brasil
| Exposição Fôlego, Museu de Arte de Goiânia, Goiás, Brasil

:: obras em acervos públicos / works in public collections

| Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS
| Centro Cultural da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO
| Museu de Artes Plásticas de Anápolis, Anápolis, GO

:: prêmios / prizes

| FID Prize, Foire du Internationale Dessin, Paris, 2017
| 63º Salão Abril de Fortaleza, Fortaleza, CE.



www.yarapina.com